

DIAGNÓSTICO DOS CADOS DE AÇO DO DEDO DE DEUS

INTRODUÇÃO:

No dia nove de janeiro de 2016, foi constatada a retirada dos dois primeiros trechos de cabos de aço do Dedo de Deus por um ato anônimo de vandalismo. No dia dois de fevereiro, foi feita uma vistoria conjunta do PARNASO e a FEMERJ, escalando pelo trecho original, chamado chaminé das pedras soltas, para avaliar a situação dos cabos, grampos e cordas ao longo da subida. Os cabos foram medidos e avaliados quanto à instalação e o grau de deterioração. Seguem os trechos de cabos medidos e avaliados, na ordem de cima para baixo, descendo pela via de escalada conhecida como Teixeira.

O primeiro cabo, que não foi fotografado, além de estar deteriorado, encontra-se no meio de um trecho que escalada muito bonito e de graduação em torno de 4° sup. Cabe a discussão se esse cabo deve ser substituído ou retirado definitivamente, já que inclusive, é possível escalar o lance em artificial fixo de grampos. De qualquer forma, pelo estado de conservação que se encontra, deve ser retirado assim que possível.

1° cabo (foto 1): É uma sequência de 02 cabos de 3,30 m e 3.20 m de comprimento. Existe também uma corda amarrada no grampo, que não foi retirada devido à precária condição do cabo. O cabo está preso diretamente ao grampo fazendo um efeito de torção que diminui o tempo de utilização até o rompimento dele, que está próximo, podendo romper-se a qualquer momento e causar um grave acidente. Deve ser retirado imediatamente.

Foto1.



2º cabo (foto 2): 7 m de comprimento. Duas presilhas uma para cada lado. Encontra-se em bom estado de conservação, mas sua posição é difícil de ser acessada de forma que estão descendo com o apoio da vegetação lateral, em trilha bastante frágil.

Foto2.



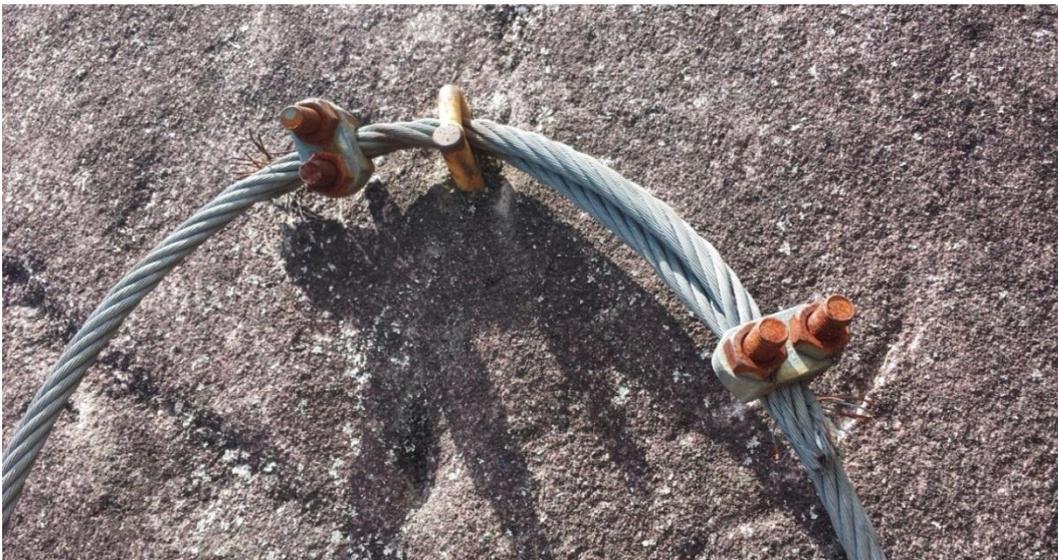
3° cabo (foto 3). 4.60 m de comprimento. Bom estado de conservação. Duas presilhas que estão riscando a pedra. O cabo está difícil de ser alcançado, e por isso foi colocada uma corda amarrada em uma raiz para facilitar a descida. Cabe ressaltar que a corda foi retirada, já que estava na linha da vegetação que é uma trilha frágil . Difícilmente essa trilha vai deixar de ser usada, já que é mais fácil descer por ela do que alcançar o cabo.

Foto 3.



4° Cabo (foto 4): 14.50 m de comprimento. Supõe –se que esse cabo tenha arrebitado na fixação da extremidade de baixo, onde estava preso sem alça, diretamente no grampo (foto 5) e foi remendado com 2 presilhas de maneira condenável.

Foto 4.



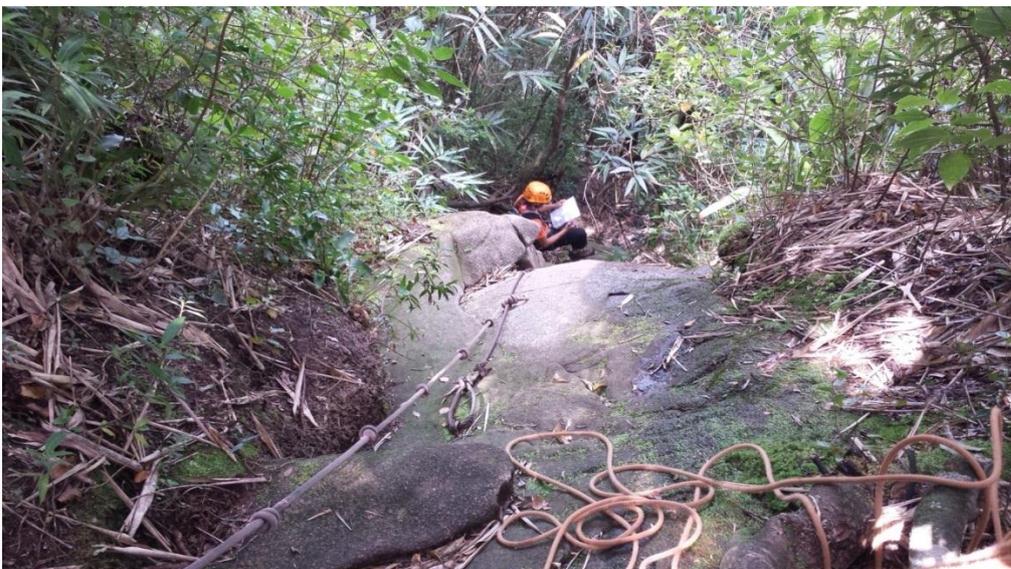
5° Cabo (foto 5): 13.90 m de comprimento. Cabo extremamente deteriorado, que arreventou na parte superior e foi jogado para baixo servindo para descida de um trecho pequeno de escalada. Está preso diretamente no grampo, causando um efeito de torção que contribui para um rompimento precoce. Existe uma corda, também deteriorada, que serve para descida e grampo duplo que propicia descer de rappel.

Foto5.



6° Cabo (foto 6): 9 m de comprimento. Cabo antigo, enferrujado e com farpas. Existe uma corda mais acima emendada no cabo.

Foto 6.



7° Cabo (foto7): 7.70 m. Não é um cabo de aço, mas sim uma corda deteriorada, mas que ainda não apresenta sinais que indiquem risco de rompimento.

Foto 7.



8° Cabo (foto 8): 6.50 m de comprimento do ponto apropriado. O cabo está muito deteriorado, preso em local não apropriado.

Foto 8.



9º cabo (foto 9): 17. 70 m de comprimento. Cabo novo trocado recentemente. Como todos os cabos novos, a colocação da estrutura interna não está adequada, deveria estar mais justa.

Foto 9.



10° Cabo (foto10). Corda deteriorada amarrada na árvore.

Foto10.



11° Cabo (foto11). Cabo novo, mas fixado de maneira não adequada, conforme já explicado. Entretanto o grampo onde está fixado o cabo apresenta sinais de corrosão, devendo ser substituído.

Foto11.



12° Cabo (foto12). Cabo novo, mas fixado de maneira não adequada, conforme já comentado. O grampo onde está fixado o cabo apresenta sinais de corrosão, devendo ser substituído.



13° Cabo (foto 14): Cabo antigo e enferrujado, com 1 presilha, que ainda não está em estado crítico de deterioração, mas já deve ser substituído.



14° cabo (foto 14): Cabo preso diretamente em grampo intermediário, sem alça, ocasionando o seu rompimento. Agora o cabo está fixo por uma presilha diretamente a um grampo extremamente deteriorado, devendo ser imediatamente removido.

Foto 14.



15° Cabo (foto 15). Cabo novo, com problema de instalação já comentado.



16° Cabo (foto16). Cabo novo fixado em grampo de aspecto suspeito. Está fixado em apenas 01 grampo de aspecto suspeito. Existem outros grampos nesse ponto, permitindo o rapel.

Foto 16 (vista de cima e de baixo).



17° Cabo (foto 17).

Foto 17



A avaliação e medição do Trecho a partir da bifurcação que leva a via de escalada Leste não estão nesse documento, mas também possui cabos, cordas e grampos bastante deteriorados, que necessitam ser substituídos.

Os 02 primeiros trechos de cabo de aço foram completamente removidos por uma ação de vândalos. Esse acesso é fundamental para subir a montanha já que a alternativa é uma escalada em vegetação muito frágil chamada chaminé das pedras soltas, que não deve ser reativada.

Considerações Finais.

Foi constatado que nenhum dos cabos se enquadram nos padrões modernos de segurança já que todos estão fixados em um único grampo, de origem desconhecida e muitas vezes deteriorados.

Outro ponto que deve ser observado é que manutenção dos cabos de aço é cara, difícil, cansativa e trabalhosa. Portanto, cabe avaliar e discutir quais cabos cumprem realmente a função de preservar a vegetação, e discutir se cabos que não se enquadram nesse critério devam ser retirados e substituídos por grampos para a ascensão e rapel.

Quanto aos cabos retirados, existem basicamente duas formas de restauração desse trecho. Uma é recolocar os cabos de aço e a outra é substituí-los por um artificial fixo. No caso da recolocação dos cabos, a forma como estava instalado não proporciona nenhuma segurança em caso de queda, já que o impacto seria altíssimo por não ter nenhum material que dissipe a energia. Nesse caso, o escalador não deveria se “solteirar” no cabo e sim escalar com uma corda dinâmica “costurando” os grampos. O que raramente acontecia já que os cabos induziam a uma falsa segurança ao se “solteirar” neles. Para que os cabos de aço sejam enquadrados dentro dos padrões aceitáveis de segurança é necessário mudar completamente o padrão de proteção e usar equipamento absorvedor de impacto, o que não é a realidade dos usuários dessa Montanha. Cabe ressaltar que foi observado um aumento significativo de pessoas sem a mínima experiência, preparo, capacidade técnica e equipamentos mínimos escalando os cabos de acesso ao Dedo de Deus. Nesse ponto, um artificial de grampos na primeira parte ou no trecho inteiro poderia inibir a ascensão de pessoas muito despreparadas e obrigar ao menos a ter um equipamento básico de escalada.

Para ampliarmos essa discussão e chegarmos à definição dos procedimentos a serem adotados, propomos a organização de um encontro aberto a todos os interessados, com o objetivo chegarmos ao método mais aceito e oportuno para as especificidades da escalada do Dedo de Deus, que possa ser aplicado o mais breve possível para o benefício de todos os atingidos. Que as decisões sejam tomadas dentro dos princípios e critérios éticos e técnicos congregados no âmbito FEMERJ, que o Parque entende ser a instituição legítima e competente para definir e coordenar a execução dos procedimentos a serem adotados.

Gabriel Dreyfus Weibert Cattan

Analista ambiental.

Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

